

A REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DA MORTE NA CIDADE DO SALVADOR (SÉCULOS XVIII E XIX)¹

Adenilton Rozendo dos Santos²
Luciana Onety da Gama Sobral³

RESUMO

A morte sempre se apresentou como o maior desafio da humanidade, pois além de confrontá-lo com sua finitude, expõe a fragilidade da vida humana. Em torno da morte criou-se todo um imaginário alimentado por temores e estereótipos diversos. A forma como o homem ressignifica sua relação com a morte se exprime de inúmeras formas, manifestadamente na iconografia que ao longo do tempo refletiram na mudança de atitude frente à morte e ao morrer. Na Cidade da Bahia, capital da América portuguesa dos séculos XVI ao XVIII, a morte se fez presente em edifícios religiosos, nos acervos das igrejas e numa infinidade de manifestações artísticas que consolidaram sua presença no imaginário baiano do período.

Palavras-chave: Morte; Imaginário; Iconografia; Cidade; Bahia.

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E DO MORRER

A morte e o morrer assumiram várias facetas ao longo da História. Engana-se quem pensa que estas permaneceram intactas em suas representações ao longo do tempo, ao contrário, foram se ressignificando e sendo vistas de diferentes formas diante de múltiplos fatores. No prefácio do livro *Diante do fim* vemos a seguinte citação: “E (...) o mais poderoso e determinante de todos os fenômenos, ganharia seu merecido lugar no panteão de arquétipos que consubstanciam a existência humana” (SILVA; SILVA, 2017, p. 5).

O fenômeno da morte, desde os seus primórdios, fascina, amedronta e traz ao homem uma inquietude diante do desconhecido e de como viver de uma forma a estar preparado ou preparar os demais membros para a sua finitude, partida ou passagem mediante a sua individual visão do pós-vida.

Phillippe Ariès (2017) nos expõe que da Idade Média, passando pela Idade Moderna até os dias atuais, a morte sofreu inúmeras ressignificações sociais, desde os comportamentos do homem diante a sua chegada e impondo a finitude da vida quanto as suas representações em expressões artísticas e nos mais variados registros históricos.

¹ Esse artigo foi produzido em 2020 no âmbito da Iniciação Científica do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), linha de pesquisa História da Morte e do Morrer na Ibero-América, sob a coordenação da professora mestra Luciana Onety da Gama Sobral.

² Graduando pela licenciatura em História do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Professor da rede privada de ensino e pesquisador.

³ Mestre em História Social pela UFBA. Professora e coordenadora das licenciaturas em História e Letras do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

No cristianismo primitivo, o morto era representado de braços estendidos em atitude de oração. Espera-se a morte deitado, jacente. Esta atitude ritual é prescrita pelos liturgistas do século XIII. “O moribundo”, diz o bispo Guillaume Durand de Mende, “deve estar de costas a fim de que seu rosto olhe sempre para o céu”. Esta atitude não é a mesma dos judeus, conhecida pelas descrições do Antigo Testamento, estes viravam-se em direção a parede para morrer (ARIÈS, 2017, p. 35).

Na citação acima, percebe-se que o ideal para o cristão medieval era que ao se preparar para a morte ele deveria fazer isso de forma calma, aceitando seu destino e iniciando um ritual ainda em vida, onde domesticamente se aguardava a partida. Os familiares deveriam ser informados do estado do moribundo, pois a preparação para a morte demandava um ato interno de contrição e um externo de aceitação e preparação para o morrer despedindo-se dos familiares e do meio social a medida em que se reafirmava sua ligação para com Deus.

Não se pode esquecer que o homem medieval era um homem que considerava importante a exteriorização da fé. Uma fé sentida, mas também teatralmente exposta para servir de exemplo. A morte era pedagógica. Seguindo essa lógica, surgiram no século V as *arsmoriendi* – a arte de morrer em latim – uma forma de arte, principalmente, literária que tinha a morte como cerne. O papel das *arsmoriendi* foi fundamental na pedagogia da morte em vigor nos países cristãos ocidentais, mantendo os fiéis continuamente presos à memória da morte e do morrer e da necessidade de enquadramento religioso e social. Neste respeito, Ariès afirma que:

A verdade é que o homem do fim da idade média e do começo dos tempos modernos amou loucamente as coisas da vida. O momento da morte provoca um paroxismo da paixão traduzido pelas imagens das *artes moriendi*, e melhor ainda, por seus comentários (ARIÈS, 2017).

A medida que a ciência foi avançando, a relação com a morte sofreu também múltiplas mudanças, devido ao avanço do protestantismo, a medicina com maiores formas de longevidade, o luxo e mudanças no modo de vida, causaram uma relação para com a morte em que ela não era mais vista como algo comum e cotidiano que o homem medieval aceitava como seu destino.

Diante de uma mentalidade em mudança, em que a morte tinha um grande espaço, em uma cosmovisão altamente ordenada, onde inferno, purgatório e paraíso eram visíveis em arte sacra e permeavam o imaginário coletivo e em rituais fúnebres em que o status era uma escolha dos ainda vivos que planejavam exatamente como gostariam de partir, dependendo dos vivos para a sua segurança de partida, obedecendo estritamente seus últimos desejos.

A citação de Del Priori (2016, p. 385): “Medo de morrer? Não medo de não se preparar para a morte. De não estar pronto, e por isso, não acender ao paraíso”, nos diz muito sobre uma

mentalidade que não está apenas ligada a um comportamento social existente na distante Europa, mas sim de uma visão que chegou ao Brasil colonial, cultura está herdada da então metrópole portuguesa que tinha como religião oficial o catolicismo.

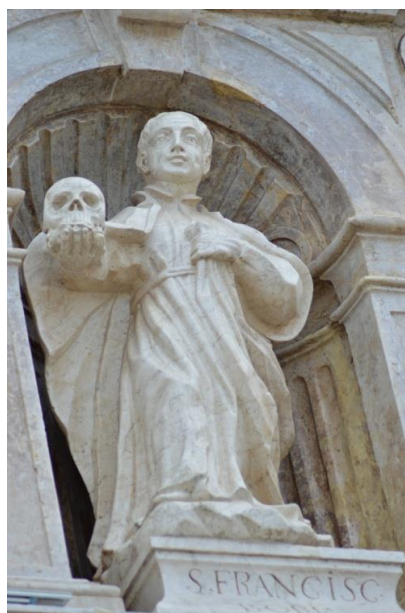
Nossos antepassados viviam e conviviam com uma estrita ligação com a representação da morte cotidianamente e nessa relação estar preparado era de suma importância para a salvação de sua alma e garantia de obter bons rituais fúnebres necessários para que fidedignamente possuísse uma despedida social dos seus amigos, familiares e, conjuntamente, para que seus últimos desejos fossem atendidos sendo bem recebido no além-túmulo.

Essa relação com a morte e o morrer é advinda, em parte, da Idade Média e trazida na bagagem nas inúmeras influencias nas viagens transatlânticas por europeus e africanos, aqui aportando e ressignificando costumes e crenças, influenciando toda a América Portuguesa e não poderia ser diferente na Cidade da Bahia e sua respectiva sociedade que contava com uma população profundamente religiosa.

VISÕES SOBRE A MORTE EM SALVADOR

Devido às ligações lusitanas e a influência da Companhia de Jesus, que aqui aportou na missão de Tomé de Souza em 1549, desde suas missões de cunho salvacionista no início do processo colonial, a assimilação das visões de inferno, purgatório e paraíso permearam o imaginário dos baianos.

Imagem 1 – Foto da escultura de São Francisco de Borja localizada na Catedral Basílica dos jesuítas no Terreiro de Jesus, Salvador.



Os jesuítas foram de enorme contribuição para a assimilação da cosmovisão por toda a Ibero-América e, conseqüentemente, em solo baiano acerca da morte e da necessidade de preparação para morrer. Foram também grandes propagandistas das *arsmoriendi*. Na Imagem 1 vemos São Francisco de Borja⁴, um dos fundadores da Companhia de Jesus, segurando um crânio que estende para o público passante no frontispício da Catedral Basílica dos jesuítas no Terreiro de Jesus. A mensagem transmitida pela peça é de duplo cunho evangelizador, primeiro como forma de mostrar ao fiel o destino imutável diante de sua finitude, segundo uma reafirmação da fé na Santa Igreja como forma de garantir paz e conforto diante da morte.

Imagem 2 – Foto de escultura de São Francisco de Assis, localizada na Igreja Ordem Terceira de São Francisco, Salvador.



Na entrada da Ordem 3^a de São Francisco, localizada no centro histórico da cidade de Salvador, contando com uma belíssima arquitetura, cercada de detalhes barrocos e inúmeros simbolismos, vemos na sua fachada em destaque a figura de São Francisco de Assis (Imagem

⁴ Francisco de Borja e Aragão nasceu em Gândia em 28 de outubro de 1510, filho do vice-rei de Navarra, casou-se aos dezenove anos com Eleonor de Castro Melo e Menezes, com a qual teve oito filhos. Aos vinte anos, o imperador lhe concedeu o título de marquês. Por ocasião da morte da imperatriz Isabel de Portugal em 1539 Borja foi designado para a nobre função de escoltar o corpo da rainha até sua tumba em Granada. Lá chegando, mandou que abrissem o féretro e ao ver os efeitos da morte, sobre o corpo daquela que fora considerada uma belíssima mulher espantou-se. Depois desse evento ela passou a refletir continuamente sobre a caducidade das coisas terrenas, decidindo a partir dali, “nunca mais servir a um senhor que viesse a morrer” e então dedicou-se ainda mais a vida espiritual. Em 1546, após a morte de sua esposa, cumpriu os votos religiosos de castidade e obediência entrando na Companhia de Jesus em 1548, renunciando ao ducado de Gândia, dedicando-se a vida eclesiástica até a sua morte na cidade de Roma em 30 de setembro de 1572. Sendo assim, a caveira está sempre atrelada às representações de Francisco de Borja, que mais tarde viria a se tornar São Francisco de Borja. A caveira remete à constante reflexão sobre a morte como um mal irremediável, que atinge a todos os homens e da necessidade constante de uma vida dependente da fé. (SGARBOSSA; GIOVANNINI, 1996).

2), que com um olhar reflexivo e em ordem inversa a de Francisco de Borja (Imagem 1), olha a morte representada pelo crânio e não a expõe ao fiel diretamente, como uma forma pedagógica de expor que a brevidade da vida chega a todos nós. Na verdade, São Francisco de Assis parece contemplar a morte, mas nem por isso a iconografia deixa de ter uma mensagem vigorosa de admoestação diante da morte e de seus efeitos visíveis e invisíveis.

Imagem 3 – Foto do afresco “A morte do Pecador” localizado na Igreja do Senhor do Bonfim, Salvador.



Imagem 4 – Foto do afresco “A morte do Justo” localizado na Igreja do Senhor do Bonfim, Salvador.



Outra obra que ressalta o papel da morte e do morrer nos chama a atenção, são os afrescos existentes na Igreja do Senhor do Bonfim, localizados logo na entrada estrategicamente colocados em lados opostos de forma a serem vistos por todos que adentram a Igreja. Estes afrescos são intitulados como: “A morte do Justo” e “A morte do Pecador”, obras realizadas pelos artistas baianos José Bento Rufino Capinam e seu filho Tito Nicolau Capinam em 1845. Muito mais que apenas exporem a morte de dois indivíduos com padrões de vida distintos, o moralmente aprovado (justo) e o moralmente reprovável (pecador), elas são, pedagogicamente, riquíssimas em detalhes a respeito da mentalidade religiosa do período e da dualidade do comportamento diante da morte, como um reflexo de uma vida que direcionava e predestinava a cada perfil do moribundo em determinada destinação pós-túmulo a depender de suas ações durante a vida, mas muito especialmente diante da morte:

No que dizia respeito à vida além-túmulo, encontramos diferenças e semelhanças entre portugueses e africanos. Ambos acreditavam numa espécie de julgamento ou, como chama Thomas, “um princípio de exclusão”: a concepção moral de bons e maus mortos teriam destinos diferentes. Entre os portugueses, existiam três possibilidades, o Inferno, o Purgatório e o Céu (REIS, 1991).

Observemos as imagens 3 e 4, em ambas as representações nos momentos finais há a possibilidade de redenção para os moribundos, uma visão que mescla uma realidade física no quarto mediante a uma batalha no campo espiritual onde se luta arduamente pela alma daquele que está morrendo, onde este reafirma sua conduta nos momentos finais e, conseqüentemente, o conduzirá em uma possibilidade de inferno ou paraíso.

Na Imagem 3, “A morte do pecador”, observa-se que o moribundo se recusa a converter-se e rejeita uma conduta moral que o direcionaria ao paraíso. Vê-se que o padre, estando ao lado do anjo, o apresenta a cruz expondo-lhe o intermediário para a salvação de sua alma mediante a legião de demônios que o cercam, porém ele recusa a salvação de sua alma, fixando o olhar em um demônio, condenando sua existência após a morte.

Na Imagem 4, “A morte do Justo”, observa-se uma postura do moribundo oposta à anterior, inicialmente pela postura do cristão, estando próximo ao padre, ouvindo atentamente suas palavras e estando com a cruz junto ao peito, aceitando e guardando o evangelho perto de si e percebe-se, nesses momentos finais, a assembleia de anjos que o cercam e o demônio derrotado e afastado, neste momento perdedor da alma que está escolhendo e reafirmando sua fé.

Uma forte influência que ocupava o imaginário dos baianos era o purgatório⁵, surgido como uma terceira dimensão de localidade entre os séculos XII e XIII e representado, em inúmeras artes que dialogavam diretamente e pedagogicamente com os fiéis e visitantes nas igrejas, através das artes sacras e que era responsável por trazerem grande impacto social de tal forma que esses cidadãos se esmerassem em buscar as orientações da Igreja em escolas de bem morrer com a finalidade de salva guardar suas almas e de evitarem os tormentos dessa terceira localidade do pós vida.

O purgatório foi um divisor de águas para a cosmovisão do homem na Idade Medieval, tendo sido visto como uma localização geográfica entre o inferno e o paraíso, servindo como o local de expiação dos pecados daqueles a quem não poderiam ser elevados ao paraíso, porém com a possibilidade de, após purgar seus pecados, alcançarem a salvação. Le Goff (2017) nos define o que seria o purgatório: “O purgatório é, enfim, um além intermediário onde a provação que se sofre pode ser reduzida pelos sufrágios, as intervenções dos vivos” (LE GOFF, 2017, p. 25).

Diante dessa terceira destinação pós vida, destaca-se a sua possibilidade de mobilidade e a estrita necessidade dos vivos para a sua ascensão ao paraíso ou permanência neste local de sofrimento enquanto se purgava os pecados cometidos em vida. Acreditava -se que os vivos poderiam abreviar essa permanência através de suas orações, missas, doações e obras de caridade como forma de reafirmação e intercessão das almas residentes no purgatório.

Justificando-se, assim, o grande empenho de todas as classes sociais em buscarem as garantias de uma boa morte, de obedecer os ritos fúnebres e de se precaverem para que seus desejos fossem atendidos, trazendo uma relação de confiança e dependência entre mortos e vivos para uma destinação e, caso necessário, da mobilidade naquela estrutura intermediária entre o paraíso e o inferno, tornando o purgatório um local de extremo destaque no imaginário coletivo em terras baianas.

⁵ O Purgatório surgido no século XII, como um terceiro lugar na escatologia cristã, tendo um caráter intermediário entre o Paraíso e o Inferno sendo este o local de processo de castigo e purificação das almas daqueles que morreram sem alcançar a graça de ir ao Paraíso. Sendo um local de caráter transitório diferentemente dos demais, pois aqueles que não podem ascender diretamente ao céu, tem a possibilidade de nele, expiar suas penas no purgatório e assim posteriormente se tornarem dignos do Paraíso, diferentemente daqueles que estiverem no Inferno aos quais não tem a possibilidade de ascenderem ao céu, tendo sido condenados a danação eterna. Jacques Le Goff, nos expõe, como a visão do além se modificou na Idade Média e como isto foi de suma importância para compreender como o comportamento social mudou, diante dessa nova conformação da geografia do além.

Imagem 6 – Foto de pintura no interior da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador.

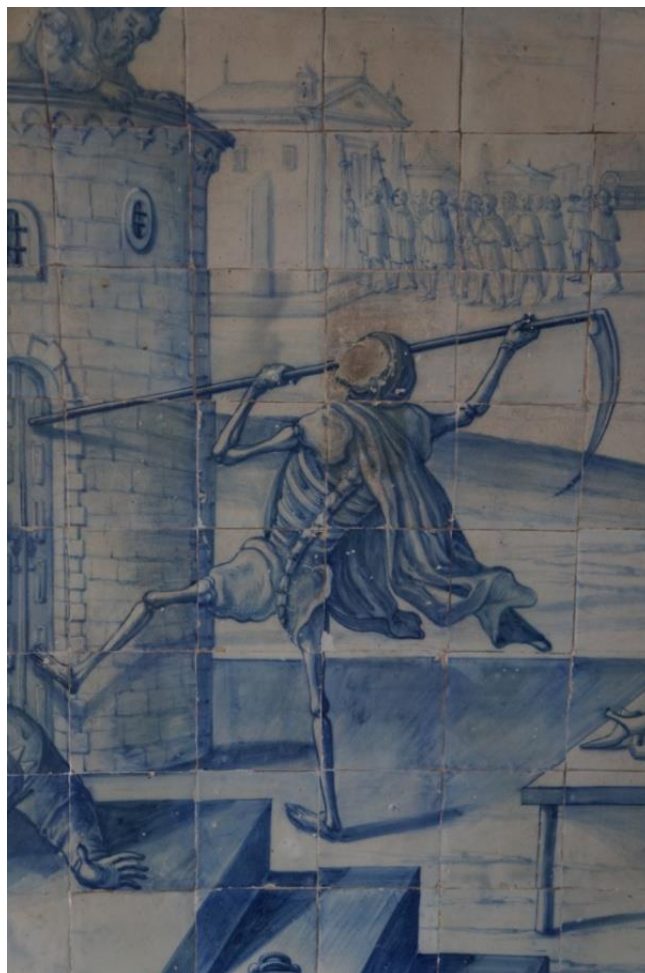


Imagem 7 – Foto de pintura no interior da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador.



Imagem 8 – Foto de catacumbas e túmulos no interior da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador.



As imagens 6, 7 e 8, todas do interior da Ordem 3ª de São Francisco, nos expõe como a morte era algo pedagógico e organizador da vida pós-túmulo, sendo capaz de organizar toda a vida, pois expunha ao fiel através de sua arte a conduta e comportamento aceitável ou inaceitável moralmente e as suas respectivas destinações a cada comportamento adotado. Segundo João José Reis em “*A morte é uma festa*”:

Se o morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá pelos vivos junto aos deuses, inclusive facilitando-lhes a futura incorporação na comunidade dos mortos. Daí terem as pessoas todo o interesse em cuidar bem de seus mortos, assim como a própria morte (REIS, 1991, p. 112).

Percebemos assim que na cidade do Salvador existia uma mentalidade arraigada envolvendo a morte e o morrer e sua imensurável relação com os cuidados pós-túmulo, o que envolvia uma relação entre mortos e vivos de alto grau de dependência para garantirem a permanência de uma ordem na terra e nas instituições cosmológicas:

A definição de *locus* intermediário também reforçou a relação de interdependência entre os vivos e os mortos: os primeiros pedem, constantemente, a intercessão dos santos que gozavam da visão beatífica por outro lado, as almas que sofrem purgação, precisam contar com as orações e sufrágios dos viventes para diminuir o tempo de suas penas (SOUZA, 2015, p. 3).

Percebemos, então, como o purgatório foi de suma importância para a construção e consolidação de uma cosmovisão, onde vivos e mortos tinham uma relação de extrema

dependência em uma sociedade que constantemente era apresentada as representações da morte em diversos ambientes, o que assim resultava em uma visão da morte de caráter pedagógico.

CONCLUSÃO

A Igreja Católica buscou através da sua iconografia, imprimir uma cosmovisão na sociedade Baiana permeada pela presença constante da morte e do morrer. Reforçada por suas três possíveis destinações no pós-vida: o paraíso, o purgatório e o inferno. Esse empreendimento por parte da Igreja revela a intenção de usar a pedagogia do medo e as escolas de bem morrer como mecanismo de ensinamentos para obtenção de um enquadramento social, ou seja, como veículo pedagógico de propaganda religiosa.

As representações da morte encontravam-se em diferentes locais: no interior das igrejas através da arte sacra, nos sermões e missas, nas artes cemiteriais e fúnebres, porém com um objetivo em comum que consistia em alertar da inevitabilidade da morte, da dependência do homem de Deus e da Igreja para a intermediação e salvação de sua alma e da necessidade de se estar constantemente preparado para este fenômeno que os rodeava.

Ao analisarmos as principais representações existentes da morte, que se encontravam constantemente em vários locais, percebemos o quanto estas eram impactantes e constantes na vida desses homens e mulheres, o que nos ajuda a compreender como viviam em um estado de constante imersão de vigilância e reflexão, diante ao qual a sua morte aparecia como um mal muito próximo e conseqüentemente da destinação de sua alma.

Tornando, assim, a Igreja principal ordenadora da vida, onde orientava qual comportamento seria o moralmente aceitável para o bem social, tornando-se a mediadora entre Deus e os fiéis. Ademais, os vivos poderiam, através dos devidos rituais fúnebres, serem capazes de interceder para a salvação da alma dos seus entes queridos quando mortos e assim, podendo possibilitar um encurtamento de suas respectivas penas, sofrimento e permanência no purgatório.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**. v. 1. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SGARBOSSA, Mario; GIOVANNINI, Luis. **Un santo para cada día**. Editorial San Pablo, 1996.

SILVA, Abraão O., SILVA, Patricia S. M. O. **Diante do Fim**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

SOUZA, Patrícia Marques de. *Ars Moriendi* cerca 1450: a preparação para o post-mortem. *In: (Anais...)* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, Florianópolis, jul. 2015.